

CENTENARY OF ORPHEU MAGAZINE

«We have to assert this magazine, for it is the bridge where our Soul passes into the future». Thus was how Fernando Pessoa referred to the literary project *Orpheu*, launched in Lisbon in 1915 with a clear purpose: to revolutionise thought. Born under the star sign of European *avant-garde*, namely Futurism, *Orpheu* magazine resulted from the aspiration of a group of intellectuals determined to transform the mentality of their time, breaking with tradition. Provocation and subversion were watchwords. One hundred years later, one can say that the project has achieved its foundational purpose. The much dreamed of revolution in the arts and literature happened, and there are those who argue that today one is still reaping the fruits of this «pebble in the pond».

Poets Fernando Pessoa and Mário de Sá-Carneiro, José de Almada Negreiros, a figure of literature and the arts, and also artists Amadeo Souza-Cardoso and Guilherme Santa-Rita Pintor were the precursors of the intellectual movement responsible for introducing Modernism into Portugal, historically enshrined as the *Orpheu* Generation.

As for the choice of the name – a metaphor – they were inspired by Greek mythology. Orpheus, an accomplished poet and musician, unhappy with the death of Eurydice, his wife, in fighting to bring her back to the living world, accepted the challenge of attempting a difficult crossing without ever looking back.

That was the spirit of the magazine – to cut with the past. Europe was proudly living a period of fascination with the new age of machine. The first radio broadcasts were taking place, as well as the first air crossing of the English Channel. Then cinema, photography and television arose.

In the words of Almada Negreiros, pronounced in 1935, «what characterized *Orpheu* was its Europeanism, and the way forward was to conquer the Portuguese elite», stirring the bourgeois value system.

The underlying reluctance toward this “making of waves” caused scandal. Insulting expressions such as «Literature from the asylum» and «*Orpheu* in the underworld» would confirm this impact, largely related to the unexpected themes of poetry that was published, extolling speed, electricity or the pursuit of the subconscious «me».

Truth is that the seeds that were sown germinated. The *Orpheu* – or Orphism – generation earned a place in history, effectively influencing future aesthetic currents and, in general, all arts, from literature to cinema, including music, painting and architecture.

In literature, Orphism represents the first generation of Portuguese Modernism, followed by Presencism («Presença» - magazine), with José Régio and Branquinho da Fonseca, and Neo-realism, led by Alves Redol and Carlos de Oliveira, among others.

Despite its massive repercussions, the *Orpheu* magazine had only two issues – one in each of the first two quarters of the year. The first was a Portuguese-Brazilian Edition, directed by Luis Montalvor and Ronald de Carvalho. The second was directed by Fernando Pessoa and Mário de Sá-Carneiro. A third issue, scheduled for October, was eventually cancelled due to lack of funding.

Dados Técnicos / Technical Data

Emissão / Issue

2015 / 02 / 20

Selos / stamps

€0,42 – 155 000

€0,72 – 145 000

Bloco / souvenir sheet:

Com um selo / with 1 stamp

€2,50 – 40 000

Design - Atelier B2

Créditos/credits

Selos/stamps

Selo €0,42 – Capa do primeiro número da revista *Orpheu*, col. BNP.Selo €0,72 – Capa do segundo número da revista *Orpheu*, col. BNP.

Bloco/souvenir sheet

«Sem Título (Lendo *Orpheu* 2)» de

José de Almada Negreiros, col. particular.

Foto Paulo Costa, CAM/Fundação Calouste

Gulbenkian.

Sobrescrito de 1.º dia/FDC

Pormenor de «Sem Título (Casal sentado à mesa

lendo)» de José de Almada Negreiros, col. particular.

Foto Paulo Costa, CAM/Fundação Calouste

Gulbenkian.

Capa da Pagela/brochure cover

Frontispício do primeiro número da revista

Orpheu, col. BNP.

Agradecimentos/acknowledgments

Herdeiros de José de Almada Negreiros

Biblioteca Nacional de Portugal

Centro de Arte Moderna,

Fundação Calouste Gulbenkian.

Papel / paper - FSC 110 g/m2

Formato / size

Selos / stamps: 30,6 x 40 mm

Bloco / souvenir sheet: 125 x 95 mm

Pictogram / perforation

Cruz de Cristo / Cross of Christ 13x13

Impressão / printing - offset

Impressor / printer - INCM

Folhas / sheets - Com 50 ex. / with 50 copies

Sobrescritos de 1.º dia / FDC

C5 - €0,75

C6 - €0,56

Pagela / brochure

€0,70

Obliterações do 1.º dia em

First day obliterations in

Loja CTT Restauradores
Praça dos Restauradores, 58
1250-998 LISBOALoja CTT Município
Praça General Humberto Delgado
4000-999 PORTOLoja CTT Zarco
Av. Zarco
9000-069 FUNCHALLoja CTT Antero de Quental
Av. Antero de Quental
9500-160 PONTA DELGADA

Encomendas a / Orders to

FILATELIA

Av. D. João II, nº13, 1.º

1999-001 LISBOA

filatelias@ctt.pt

(coleccionadores / collectors)

www.ctt.pt

www.facebook.com/FilateliasCTT

O produto final pode apresentar pequenas diferenças.

Slightly differences may occur in the final product.

Design: Concept Advertising

Impressão / printing: Futuro, Lda.



1915 • 2015
CENTENÁRIO
DA REVISTA
ORPHEU

CTT LISBOA
2015.02.20



«Temos que afirmar esta revista, por que ela é a ponte por onde a nossa Alma passa para o futuro». Assim se referiu Fernando Pessoa ao projeto literário Orpheu, lançado em Lisboa em 1915 com um propósito claro: revolucionar o pensamento.

Nascida sob o signo das vanguardas europeias, nomeadamente o Futurismo, a revista Orpheu concretizou a aspiração de um grupo de intelectuais determinados a transformar a mentalidade do seu tempo, rompendo com a tradição. Provocar, subverter eram palavras de ordem. Cem anos volvidos, pode afirmar-se que o projeto cumpriu o seu desígnio fundacional. A revolução sonhada nas artes e nas letras aconteceu, e há quem sustente que ainda hoje se colhem os frutos dessa «pedrada no charco». Os poetas Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, José de Almada Negreiros, figura das

letras e das artes, e ainda os artistas Amadeo Souza-Cardoso e Guilherme Santa-Rita Pintor foram os precursores do movimento intelectual responsável pela introdução do Modernismo em Portugal, historicamente consagrado como a Geração de Orpheu.

Para a escolha do nome – uma metáfora – inspiraram-se na mitologia grega. Orpheu, poeta e músico exímio, inconformado com a morte de Euridice, sua mulher, ao lutar por trazê-la de volta ao mundo dos vivos aceitou o desafio de realizar uma dura travessia sem nunca olhar para trás. Era esse o espírito da revista – cortar com o passado. A Europa vivia, orgulhosa, um período de deslumbramento perante a nova era da máquina. Surgiam as primeiras transmissões por rádio, a primeira travessia aérea do Canal da Mancha. Nascia o cinema, a fotografia, a televisão.



Nas palavras de Almada Negreiros, pronunciadas em 1935, «o que caracterizava Orpheu era o seu europeísmo, e o caminho era ir à conquista da elite portuguesa», agitando o sistema de valores burguês.

O inconformismo subjacente a este agitar de águas scandalizou. Expressões insultuosas como «Literatura de manicómio» e «Orpheu nos infernos» confirmariam esse impacto, em grande medida relacionado com os temas inesperados da poesia publicada, exaltando a velocidade, a eletricidade ou a busca do «eu» subconsciente. Certo é que as sementes lançadas germinaram. A geração de Orpheu – ou Orfismo – conquistou um lugar na história, influenciando de forma efetiva correntes estéticas vindouras e de um modo geral todas as artes, desde a literatura ao cinema, passando pela música, pintura e arquitetura.

No plano literário, o Orfismo representa a primeira geração do Modernismo português, seguindo-se o Presencismo (revista «Presença»), com José Régio e Branquinho da Fonseca, e o Neorrealismo, protagonizado por Alves Redol e Carlos de Oliveira, entre outros.

Apesar da sua magna repercussão, a revista Orpheu teve apenas dois números, correspondentes aos primeiros dois trimestres do ano. O primeiro foi uma edição luso-brasileira, dirigida por Luís Montalvor e Ronald de Carvalho. O segundo teve a direção de Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro. Um terceiro número, previsto para outubro, acabaria por ser cancelado devido à falta de financiamento.

Maria do Céu Novais